



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS

THAMIRES DOS SANTOS

O LÚDICO COMO RECURSO PEDAGÓGICO DE ENSINO E APRENDIZAGEM
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUÊSA COM ALUNOS SURDOS

DELMIRO GOUVEIA – AL

2019

THAMIRES DOS SANTOS

**O LÚDICO COMO RECURSO PEDAGÓGICO DE ENSINO E APRENDIZAGEM
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUÊSA COM ALUNOS SURDOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas como parte do requisito para a obtenção do título de graduada em Letras Português.

Orientador: Prof^o Me. Cristiano

DELMIRO GOUVEIA – AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S2371 Santos, Thamires dos

O lúdico como recurso pedagógico de ensino e aprendizagem nas aulas de língua portuguesa com alunos surdos / Thamires dos Santos. – 2019.

31 f. : il.

Orientação: Prof. Me. Cristiano das Neves Vilela.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Língua portuguesa. 2. Língua Brasileira de sinais - LIBRAS. 3. Educação especial. 4. Ensino e aprendizagem. 5. Ludicidade. I. Título.

CDU: 811.134.3:376

THAMIRES DOS SANTOS

O LÚDICO COMO RECURSO PEDAGÓGICO DE ENSINO E APRENDIZAGEM
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ALUNOS SURDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras, da Universidade Federal de
Alagoas – Campus do Sertão, como parte dos
requisitos para a obtenção do título de graduada
em Letras Português.

Orientador: Prof^o Msc. Cristiano das Neves
Vilela

Aprovada em 05, 09, 2019

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof^o Msc. Cristiano das Neves Vilela
Universidade Federal de Alagoas – UFAL



Examinador Interno: Prof. Esp. Adelson da Silva Alves
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Examinador Externo: Prof. Msc. Samuel Barbosa da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as oportunidades a mim proporcionadas e por ser tão misericordioso embora tantas vezes eu não mereça. A minha família, em especial a minha mãe por sempre me incentivar principalmente quando sabia que muitas vezes eu pensei em desistir. Ao meu orientador Cristiano Vilela, pela paciência, dedicação e todo carinho dedicados a mim durante toda elaboração deste trabalho.

A todos os meus professores que de maneira direta ou indireta contribuíram para o meu crescimento acadêmico, pessoal e profissional. A todos os meus colegas da turma “T” por rirem das minhas palhaçadas mesmo quando o momento não era propício a isso. Em especial aos meus favoritos: Doce, Laininha (bumbum de frango), May, Maria, Lipe (o nojento), pai, Gal e a nega Eli, pessoas com as quais construí uma amizade que perpassa os limites da Ufal (e do posto Aline), amo vocês!

E ao meu amigo Lailson Monteiro, por todas as vezes que me fez vim pra Ufal, obrigada, por que sabia que eu queria perder aula só para almoçar com ele, (se não tivesse me obrigado a vim certamente teria sido reprovada por falta), obrigada.

Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para essa conquista, muito obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma análise acerca do lúdico como um recurso pedagógico de ensino e aprendizagem nas aulas de língua portuguesa com alunos surdos. Buscou-se na presente pesquisa analisar os benefícios gerados a partir da aplicação do lúdico como um instrumento de inclusão e a importância da utilização de recursos lúdicos no processo de ensino e aprendizagem. Considerando que metodologicamente trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico foram utilizados para embasamento teórico: livros, artigos científicos, artigos publicados em sites. Vídeos do canal *Youtube* e o livro de Ronice de Muller Quadros e Magalli Schmiedt: “Ideias para ensinar português para alunos surdos”, a fim de identificar se estes materiais possuem conteúdos disponíveis com a presente temática, e que possa ser trabalhado pelos professores em sala. Foram utilizados também matérias dos seguintes autores: Piaget, Saussure, Santos, Gesser, Cavalcanti, dentre outros. Concluímos que o lúdico pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica não somente de ensino e aprendizagem, mas também de inclusão, no processo de escolarização, especificamente no que se refere ao ensino de língua portuguesa para surdos.

Palavras-Chave: Língua de sinais; Lúdico; Língua portuguesa; Ensino.

ABSTRACT

This research presents an analysis about playfulness as a pedagogical resource of teaching and learning in Portuguese language classes with deaf students. This research aimed to analyze the benefits generated from the application of playfulness as an instrument of inclusion, the importance of using playful resources in the teaching and learning process, as well as examining videos from the Youtube channel and the book by Ronice de Muller Quadros and Magalli Schmiedt: "Ideas for teaching Portuguese to deaf students", in order to identify if these materials have content available with this theme, and that can be worked by teachers in the classroom. Considering that this is a bibliographic research, they were used for theoretical basis: reading books, articles and websites, as well as works by authors on this subject such as: Ronice de Muller Quadros and Jean Piagett. This research aimed to present the ludic as a pedagogical tool not only of teaching and learning, but also of inclusion, seeking to obtain positive results in the process of obtaining knowledge.

Keywords: Sign Language; Ludic; Portuguese language; Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 LÍNGUA PORTUGUESA X LÍNGUA DE SINAIS: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO	10
2.1 Similaridades entre língua Portuguesa e língua de sinais	14
2.2 O surdo no contexto escolar: um processo de inclusão a ser discutido	15
2.3 Ensino de Língua Portuguesa para surdos como segunda Língua.....	17
2.4 O lúdico como recurso pedagógico de ensino e aprendizagem para alunos surdos	19
3 O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA PARA SURDOS E O LÚDICO	21
3.1 Materiais disponíveis e livros	24
3.2 Possibilidades do uso do lúdico no ensino de LP para surdos.....	25
4 CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A educação é necessidade essencial de todo ser humano, independente de etnia, religião ou posição social. É dever do estado assegurar aos indivíduos educação de qualidade, com respeito as diferenças e que se adeque as necessidades específicas de cada um. A partir de tal concepção, o presente trabalho ao qual me propus realizar partiu das averiguações realizadas durante o processo de estágio de observação no ensino fundamental II (8º ANO). Considerando o processo de estágio parte essencial e indispensável da formação acadêmica, as observações realizadas durante o referente processo possibilitaram a identificação de algumas dificuldades no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa com alunos surdos.

Na turma em que foi realizada o estágio havia uma aluna surda que interagiu com alguns poucos alunos através da língua de sinais caseira¹. Toda a aula era ministrada oralmente, a professora não tinha conhecimento prático da língua de sinais, nem os demais alunos, apenas a prima da aluna surda que estudava na mesma turma tinha habilidade fluente em língua de sinais, não foi identificado nenhum método de ensino que se adequasse a necessidade da aluna surda. As dificuldades de aprendizagem identificadas por parte da aluna e de comunicação por parte da professora e dos demais alunos levaram-me a produzir essa pesquisa, no intuito de identificar os métodos de ensino geralmente utilizados nas aulas de Língua portuguesa com alunos surdos e de como esses métodos podem impactar no processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

A aprendizagem do surdo é desenvolvida a partir do uso de sua língua materna, juntamente com outros recursos pedagógicos ele consegue desenvolver-se e aprender como os alunos ouvintes. Ao se utilizar do português oralizado para a prática de aprendizagem o surdo não conseguirá adquirir o aprendizado esperado, o que ocasiona impactos negativos em seu desenvolvimento escolar.

A partir das observações supracitadas, surgiu a inquietude de responder a alguns questionamentos: Quais os tipos de metodologia são oferecidos aos alunos surdos nas aulas de língua portuguesa? Tais metodologias são eficazes? Será que de fato se adequam a necessidade específica do aluno surdo? Quais os impactos para o aprendizado de acordo com o método escolhido para o processo de ensino?

¹ Língua de sinais caseira: sinais que o surdo aprende em seu convívio familiar ou com pessoas próximas utilizados para a comunicação, não sendo, portanto, a língua de sinais oficial (LIBRAS).

Através das respostas para essas interrogações, será possível chegar a uma resposta positiva para o problema levantado nessa pesquisa que é tentar identificar como o lúdico pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos nas aulas de Língua Portuguesa

Ao tentar, ao longo da referente pesquisa, responder a tais questionamentos, busquei apresentar o lúdico como um instrumento de ensino e aprendizagem, mas também de inclusão, possível de expressar resultados positivos em sala nas aulas de língua portuguesa com alunos surdos, que contribua com o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, que seja um mecanismo de inclusão e interação durante as aulas, como também contribuir pra a pesquisa científica, de modo que, este material possa servir como base ou apoio para a criação de outras pesquisas que visem desenvolver métodos lúdicos de ensino para surdos.

O tema escolhido para o desenvolvimento da pesquisa surgiu por constatar que alguns professores têm dificuldades em escolher e aderir a um recurso pedagógico que seja eficaz nas aulas com alunos surdos. A pouca quantidade de material que tratem acerca do referente tema também foi um dos motivos que despertou-me interesse para o desenvolvimento do corrente trabalho.

Todo o desenvolvimento da pesquisa foi baseado em material bibliográfico, tais como artigos, livros, pesquisas por textos na *internet* e etc. A escolha por produzir um trabalho de caráter bibliográfico, se deu em decorrência que na região não há escolas de surdos para que fosse possível realizar uma pesquisa de campo mais aprofundada, com participação de outros alunos surdos, professores específicos de libras, observação em campo, análises dos métodos aplicados, etc. Considerando tais contrariedades optei por produzir uma pesquisa de caráter expressamente bibliográfico. A presente pesquisa objetiva mostrar que há publicações sejam elas digitais ou impressas que podem servir como referência no ensino lúdico de língua portuguesa com alunos surdos.

Para a construção deste texto nós recorreremos a artigos e produções que tratam acerca do tema abordado dos seguintes autores: o livro de Quadros, 2010, “Ideias para ensinar português para alunos surdos”, Gesser 2009, Piaget 1966, Santos 2012, Schmiedt 2006, vídeos no *youtube*, e buscas no navegador *google*. A pesquisa desenvolveu-se a partir de leitura e fichamentos de artigos e livros, pesquisa e análise de vídeos no canal *youtube* e análise de material bibliográfico no navegador *google*. O presente trabalho encontra-se segmentado em dois capítulos acompanhado de conclusão.

No primeiro capítulo é apresentado um percurso sócio histórico acerca da língua portuguesa e da língua de sinais, retratando as principais evoluções sofridas por essas duas

línguas ao longo dos séculos, e as principais características e divergências de ambas. Em seguida é construída uma explanação acerca do surdo, seu perfil no âmbito social e educacional. Logo após tratamos acerca do ensino de língua portuguesa como segunda língua e, por fim do primeiro capítulo é construída uma abordagem em torno do Lúdico.

No segundo capítulo discorremos sobre o ensino de língua portuguesa para alunos surdos e o lúdico como método de ensino-aprendizagem, e os principais pontos positivos de se utilizar o lúdico nas práticas de ensino de língua portuguesa com aluno surdo. Em seguida é apresentada a pesquisa realizada no site *youtube* e no buscador da *Internet, Google* em busca de materiais que tratem sob o tema abordado. As pesquisas realizadas na internet, possibilitaram uma análise mais ampla acerca do referente conteúdo, considerando que a temática proposta dispõe de inúmeros materiais no canal e site de busca supracitado. Logo após é apresentada uma pequena análise do material pesquisado observando se estes trabalham o lúdico como método de ensino nas aulas de língua portuguesa.

Nas considerações finais, são respondidos os questionamentos levantados na pesquisa, já supracitados e apontadas as principais conclusões ao qual foi possível obter.

2 LÍNGUA PORTUGUESA X LÍNGUA DE SINAIS: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO

A necessidade de comunicação é algo indispensável para as relações humanas. Nesse sentido, a língua se configura como o mecanismo essencial para que haja essa comunicação, através do uso da língua o homem consegue se expressar e interagir socialmente.

Desde os primórdios da humanidade o homem já se comunicava, porém de forma não verbal, através de desenhos esculpidos nas cavernas, ele expressava suas experiências diárias de caça e pesca, ou seja, relatava seu cotidiano através de uma determinada forma de linguagem que conseguiu desenvolver de acordo com suas necessidades.

Segundo Saussure, em seu “Curso de Linguística Geral”, “a cada instante a linguagem implica um sistema estabelecido e uma evolução” (1916, p.16).

Conforme as capacidades humanas de se comunicar foram sendo expandidas as maneiras de se comunicar, também foram sendo modificadas dando lugar a novas formas de comunicação e, conseqüentemente, a novas línguas. O nascimento da língua portuguesa que tem seu surgimento com a romanização da Península Ibérica se enquadra nesse processo de surgimento de novas línguas, não apenas ela, mas também as denominadas línguas românicas ou línguas neolatinas. Segundo Heloisa Maria Moreira, no livro *Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*:

Quanto mais uma língua é utilizada, mais ela é viva e, inversamente, quanto menos é utilizada, mais ela é ameaçada de extinção. Assim sendo, é o uso social da língua que determina seu grau de revitalização (2002, p. 26).

O uso frequente dessas novas línguas permitiu uma consolidação das mesmas ao longo dos séculos. As Línguas Românicas se caracterizam por serem um grupo de línguas derivadas do Latim que tem suas primeiras manifestações linguísticas na Região do Lácio, onde em 711 a.C. fundou-se a cidade de Roma, pertencendo ao Indo-Europeu. Conforme acontecia a expansão do Império romano, o Latim se difundiu, principalmente, entre os séculos I a.C. e I d.C. Se enquadram nesse grupo o espanhol, o galego, catalão, o francês, o italiano o romeno e como já citado anteriormente a língua portuguesa.

Por fazerem parte de um mesmo grupo de línguas, o português apresentava características semelhantes ao de outras línguas, como o galego. A partir do século XIV o português se dissocia do galego dando lugar a características próprias. Um século após a dissociação do galego (século XV), o português apresenta traços próprios, porém ainda com

resquícios do galego português, principalmente na ortografia. Em 1600 o português atinge sua fase moderna com transformações mais intensas e perceptíveis.

A difusão do português ocorreu de maneira gradual, conforme as populações foram se expandindo, a língua portuguesa foi ganhando novos falantes em diferentes territórios, dentre eles o Brasil. Em nosso país o português foi trazido pelos portugueses em 1500, na medida em que o número de portugueses aumentava no novo território a língua portuguesa ganhava cada vez mais uso, enquanto isso, as línguas indígenas foram desaparecendo.

No ano de 1957 o uso da Língua Tupi (língua indígena) foi proibido de acordo com uma provisão real, ficando desse modo o português como idioma oficial. O português sofreu influências das línguas indígenas, mas não somente delas como também das línguas africanas trazidas pelos escravos, que falavam diversos dialetos. Após a independência, países como Espanha e Holanda se instalaram no Brasil principalmente na parte centro e sul do país. Esse fato ocasionou ainda mais mudanças na língua portuguesa, como pronúncias diversificada em certas regiões do país. A evolução da língua portuguesa trouxe consigo marcas e contribuições de outras línguas, como também deixou suas marcas nessas línguas.

Ao longo dos séculos a língua portuguesa evoluiu ganhando novos falantes, como também novos léxicos, novas formas de escrita e, também, novas formas de ser utilizada como através símbolos (braile).

A evolução da língua portuguesa trouxe consigo marcas e contribuições de outras línguas como o latim, o galego e o árabe, deixando também suas marcas nessas línguas. As relações que uma língua consegue proporcionar vão além das maneiras de como a linguagem é estabelecida.

Realizar um percurso histórico em torno da língua portuguesa, bem como da língua de sinais, ajudará o leitor do presente trabalho a entender as transformações que essas línguas sofreram ao longo do tempo, bem como também suas semelhanças e divergências.

Assim como a língua portuguesa, a língua de sinais possui uma história carregada de muitas evoluções e conquistas. Para tanto, foi necessário um longo processo de transformações para que a língua de sinais pudesse oficialmente adquirir o *status* de língua.

Século antes, da língua de sinais ser reconhecida como língua, os surdos muitos deles de famílias nobres eram considerados pessoas incapazes de aprender, de serem alfabetizadas, ou simplesmente conviver normalmente como os demais indivíduos em sociedade. Eram vistas como pessoas amaldiçoadas ou castigadas pelos deuses e muitos não tinham se quer o direito de ser registrados como cidadãos.

Alguns surdos, principalmente os de famílias nobres, eram forçados a ler e a falar, para que assim pudessem ser reconhecidas como pessoas. O único método utilizado para a comunicação dos surdos era a oralidade, um método forçado e sem sucesso. A vida dos surdos era repleta de limitações, pois até esse momento por volta de 1750 ainda não existia escola especializada para surdos. Em 1755 essa realidade começou a ser modificada através do abade francês Charles Michel de L'epée.

L'epée nasceu em 1712, em Versalhes, na França, iniciou seus estudos para ser sacerdote, e apesar de se formar em teologia aos 17 anos, foi orientado por seu pai a estudar direito tornando-se advogado aos 21 anos. L'epée criou um método de ensino para surdos. Esse método era trabalhado através da associação de figuras e palavras e era utilizada como uma língua de instrução. Houve muitas polêmicas em torno do método mais eficaz, alguns estudiosos defendiam o modo oral, outros acreditavam que o método combinado (língua de sinais e associação de figuras), era o método mais eficaz.

Em 1857, na cidade de Washington nos Estados Unidos, foi fundada por Thomas Hopkins Gallaudet (que havia fundado e coordenado por muitos anos a primeira escola para surdos nos Estados Unidos) a Gallaudet University, a primeira instituição superior de ensino para surdos. A direção da instituição ficou sob o comando de seu filho mais novo, Eduard Minner Gallaudet. Diversos profissionais foram formados, a fim de ensinar aos surdos o método desenvolvido por L'epée.

O método combinado foi escolhido para ser utilizado no ensino aos surdos na instituição, entretanto não foi um meio bem sucedido, pois a ideia era ensinar os surdos a falarem através desse método, o que não aconteceu, pois os surdos não queriam aprender a falar, mas sim aprender uma forma eficaz de se comunicarem. Apesar da pouca eficácia no método de Charles, seus ensinamentos não se restringiram apenas a França, mas se expandiram também pela Europa.

O uso de LS² na educação de surdos foi utilizado até 1880, ano em que na cidade de Milão, na Itália, ocorreu o primeiro congresso de professores de surdos, nesse evento ficou decidido que o ensino através da língua de sinais seria proibido e o uso do método oral seria o único a ser utilizado pela comunidade surda³, a partir de então profissionais como professores e fonoaudiólogos passaram a utilizar apenas o método oral.

² LS: Língua de Sinais.

³ “Comunidade surda não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes, que são família, intérprete, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comum em uma determinada localização, que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.” Lilian Karin Strobel, livro “História da educação dos surdos”.

O método oral ficou então como única alternativa para o ensino aos surdos, entretanto com o passar dos anos era perceptível por parte de psicólogos e estudiosos o fracasso do oralismo, os surdos não estavam conseguindo ser alfabetizados e viviam ainda em uma situação educacional limitada. Por volta de 1960, após observarem o fracasso do método oral, foi desenvolvido o método da comunicação total, a união de sinais, leitura labial e fala. A partir de então os surdos passaram a ter um método um tanto mais eficaz no processo comunicativo, entretanto ainda não era o método ideal. Países como Espanha e Itália passaram a utilizar a comunicação total como forma de ensino para os surdos.

Já no Brasil, as primeiras ações educacionais com a língua de sinais ocorreram ainda no império de dom Pedro II. A convite do imperador, o francês Eduardo Huet, veio ao Brasil onde fundou o Imperial Instituto para Surdos-mudos, no ano de 1857 na cidade do Rio de Janeiro. Muitos surdos eram abandonados por suas famílias e se abrigavam no Instituto, que na época funcionava também como asilo, porém só eram aceitas pessoas do sexo masculino, por convenções sociais da época.

Pela primeira vez, após séculos, os surdos brasileiros tiveram a possibilidade de aprenderem a se comunicar de acordo com a suas necessidades, embora ainda houvesse restrições. Originada a partir da língua de sinais francesa e das formas de comunicação que já eram utilizadas por surdos de diversos lugares do país, a Língua de Sinais Brasileira desenvolveu-se naturalmente no decorrer dos anos.

A partir do Congresso de Milão, o instituto adotou obrigatoriamente como único método o oralismo, porém o método se mostrava ineficaz. Finalmente em 1896, a pedido do governo brasileiro, A. J. de Moura e Silva, que atuava como professor de surdo no INES, realizou uma avaliação acerca do método oralista e chegou à conclusão de que o método não era eficiente para os surdos.

O Instituto passou por diversas transformações ao longo do tempo, dentre elas a alteração do nome da instituição, que em 1957 passou a se chamar Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES) e se tornou um órgão do Ministério da Educação.

No período de 1970 a 1992, os surdos se uniram e fortaleceram a luta por seus direitos, durante esse período leis específicas para a educação e educação especial foram criadas, unificando ainda mais as conquistas da comunidade surda. A língua de sinais já era utilizada, porém ainda não era reconhecida oficialmente como língua, somente no ano 2000 houve um reconhecimento por parte dos órgãos responsáveis que decretaram LIBRAS como língua, de acordo com a lei 10436/02. Em 2005 através do decreto 5.626 que apresentava a libras como disciplina curricular, determinou-se que no prazo máximo de dez anos a língua de sinais deveria

estar incluída nos currículos educacionais dos cursos de letras, pedagogia e fonoaudiologia. Dois anos após o lançamento do decreto, houve o primeiro exame de proficiência de libras (PROLIBRAS), o qual foram capacitados intérpretes e professores para atuação na área.

As conquistas na educação da comunidade surda proporcionaram diversos novos caminhos tanto de ensino, quanto de aprendizado, com o uso da língua de sinais os surdos passaram a ter acesso ao ensino de acordo com as suas necessidades. Outros grandes avanços na área da educação dos surdos foi a criação do curso de graduação letras-libras com o intuito de formar professores de língua de sinais. O primeiro curso nessa área no Brasil teve início em 2006 ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina, na modalidade a distância. O curso iniciou-se com 9 polos e cerca de 495 alunos, a maioria surdos. Em 2008 foi incluída a habilitação de Bacharel em Tradução e Intérprete em Língua de Sinais, um ano depois começou o curso presencial de Letras- Libras na UFSC. Atualmente diversas outras instituições públicas e particulares ofertam o curso de Letras- Libras.

Há também na modalidade de graduação o curso de Pedagogia Bilíngue, o curso nessa modalidade tem como objetivo principal a formação do educador bilíngue, que ao final do curso esteja apto a trabalhar com a educação de alunos surdos e ouvintes, atendendo a todos em sua primeira língua e com metodologias de ensino adequadas a cada aluno. Assim como a língua portuguesa, a língua de sinais mesmo sendo uma língua gestual, passou por intensas transformações ao longo dos séculos e está intrinsecamente ligada ao português por suas características em comum.

2.1 Similaridades entre língua Portuguesa e língua de sinais

Para que uma língua possa adquirir características próprias de língua faz-se necessário que esta possua uma gramática que vá de encontro às suas particularidades. Segundo Fernandes: subtende-se por gramática o conjunto de regras que indicam o uso mais correto de uma língua assim sendo, tanto a língua de sinais como a língua portuguesa possuem uma gramática própria.

Embora a língua de sinais seja de um campo gesto visual sua gramática, bem como a da língua portuguesa, está atrelada aos quatro níveis linguísticos: a morfologia, fonologia, sintaxe e semântica. Uma das similaridades mais marcantes entre a língua de sinais e a língua portuguesa é que ambas são línguas naturais, ou seja, ambas atendem a todos os critérios linguísticos como qualquer outra língua. Podem ser entendidas a partir de critérios de ciência,

como a sociolinguística, pois esta ciência trata dos usos sociais da língua. A língua de sinais é uma língua espacial-visual, utiliza a visão para captar as mensagens e os movimentos principalmente das mãos.

Distingue-se do português pela utilização do canal comunicativo, enquanto o português oralizado utiliza o canal oral auditivo, a língua de sinais utiliza o canal gestual visual. Alguns aspectos sociolinguísticos presentes no português também encontram-se na língua de sinais, as variações linguísticas, por exemplo, de acordo com a localidade de cada região, alguns sinais podem sofrer variações.

Como supracitado, a língua portuguesa e a língua de sinais possuem diferenças, embora também possuam características em comum, mas a principal delas está no fato de ambas serem línguas naturais. Assim como a língua portuguesa, a língua de sinais possui particularidades nas questões sociolinguísticas, uma delas é o uso dos sinais corretos da libras em contextos comunicativos, essa fidelidade a esses aspectos se deve ao fato da língua de sinais possuir termos próprios de sua língua. A sociolinguística da libras apresenta variações e mudanças entre seus falantes o que serve para legitimar a libras como língua natural, passível de mudanças e variações.

Embora apresentem diferenças estruturais e gramaticais, isso não é um empecilho para que o surdo possa realizar um aprendizado eficaz, de modo que possa construir sua identidade e se integrar socialmente no âmbito escolar. Essa integração, em algumas situações (ou na maioria delas), não oferece ao surdo condições propícias para uma comunicação eficaz, de modo que o surdo no contexto escolar por vezes se vê obrigado a se comunicar em uma língua que não é a sua. Nesse sentido, o processo de inclusão precisa ser amplamente discutido, a fim de verificar se as práticas de ensino de fato favorecem o real aprendizado desses alunos.

2.2 O surdo no contexto escolar: um processo de inclusão a ser discutido

Em nossa rotina social é possível nos depararmos com a seguinte situação: um surdo e um ouvinte conversando. Essa situação se torna ainda mais comum quando se trata do contexto familiar, pois é um ambiente em que o surdo já está habituado e os familiares (em poucos casos) conseguem se comunicar fluentemente.

Quando essa mesma situação ocorre no contexto escolar, o aluno surdo se depara com um enorme desafio: a comunicação. Não é difícil perceber uma certa dificuldade nesse tipo de

conversação, entre surdo e ouvinte no contexto escolar. Não se pode deixar de reconhecer que assim como os ouvintes as pessoas surdas podem (e devem) ter uma vida social, familiar, profissional, e educacional comum à dos ouvintes, sendo o único fator que se diferencia entre ambos (surdos e ouvintes), a língua.

Segundo Lacerda (1998, p. 91), “para D’Leppe, a linguagem de sinais é concebida como a língua natural dos surdos e como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação”. Já Bouvet 1990 *apud* LACERDA, 1998, p. 76) afirma que “Os surdos têm acesso a uma linguagem que permite uma comunicação eficiente e completa como aquela desenvolvida pelo sujeito ouvinte”.

Nessa perspectiva subte-se que a partir da situação em que a língua do surdo é compreendida e traduzida sua convivência social se torna meramente igual ouvinte compreenda a língua do surdo, o que na maioria das vezes não ocorre principalmente a dos ouvintes. Entretanto, para que essa comunicação ocorra faz-se necessário que o na escola, local onde o surdo passa grande parte do tempo.

Ao longo da história, os surdos viveram por muito tempo à margem da descriminalização, por serem considerados diferentes. Entretanto, após o reconhecimento de suas necessidades específicas, foi conquistado ao surdo o direito a inclusão em todas as esferas sociais, principalmente na educacional.

A partir das inúmeras transformações que a comunidade surda vem passando ao longo dos anos, muitas políticas públicas vêm sendo implementadas para a inclusão do surdo em uma sociedade com maioria ouvinte. Dentre essas políticas estão: inclusão da libras como disciplina curricular nos cursos de formação de professores e difusão da libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas a educação. Essa inclusão ganha um impacto ainda maior no que se refere à educação. A expectativa nesse processo de inclusão era de que os surdos pudessem estudar, ocupassem um espaço no mercado de trabalho, conseguissem ser independentes socialmente e assim exercessem sua cidadania.

Uma das maneiras encontradas por essa política da educação para o processo de inclusão da comunidade surda foi através da educação inclusiva. Neste contexto, o uso da língua brasileira de sinais e a presença de interpretes nas escolas tornou-se obrigatório.

A educação inclusiva foi inserida na educação regular por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (lei 9.394/96). Busca a inclusão de alunos com necessidades específicas, o que inclui o aluno com surdez. Neste sentido, esses alunos devem ser acolhidos, inseridos em um contexto educacional que respeite suas necessidades, propício a sua interação e socialização com os demais alunos.

A rede pública de educação tem obrigação de proporcionar oportunidades de aprendizagem e ensino igualitário para todos os alunos. A proposta de educação especial para alunos surdos nem sempre proporciona uma inclusão efetiva no contexto escolar. Não é difícil encontrar alunos surdos que apresentam dificuldades na compreensão de conteúdo, especialmente em língua portuguesa, não conseguindo o domínio de habilidades com leitura e escrita. A esse respeito Lacerda afirma que

As políticas públicas voltadas para o aluno surdo visam proporcionar o desenvolvimento pleno de suas habilidades, entretanto encontram diversa 'limitações', esses sujeitos ao final da educação básica, não são capazes de ler e de escrever satisfatoriamente. (1998, p. 68).

Essas dificuldades se apresentam, principalmente, pelo fato de muitas escolas ainda sofrerem com a ausência de interpretes adotando o oralismo como pratica de ensino. Embora saibamos que o ensino de língua portuguesa para surdos deva ser ministrado por professor de libras, e que este ensino ocorra com o português como segunda língua.

Segundo Marchesi (1995 *apud* Machado, 2006, p. 49), “O surdo é participante de programas educacionais voltados para ouvintes e elaborados por ouvintes”. As práticas das políticas públicas de inclusão a partir dessa perspectiva, passam a funcionar de maneira inversa (exclusão), a partir do momento em que o aluno surdo está inserido na escola não são apresentadas condições que atenda a suas necessidades específicas, ocasionando desse modo o fracasso no processo de aprendizagem.

2.3 Ensino de Língua Portuguesa para surdos como segunda Língua

Conhecer a história da língua de sinais nos permite construir uma reflexão acerca dos acontecimentos relacionados com à educação dos surdos em épocas distintas. Tais acontecimentos não são complexos de serem compreendidos, pois ocorreram gradativamente, apesar de alguns impactos marcantes. Todas as discursões educacionais relacionadas as diferentes metodologias que deveriam ser aplicadas ao sujeito surdo, estiveram intrinsecamente ligada a respeito do uso da língua.

Ou seja, os principais questionamentos dessas discursões eram se o surdo deveria desenvolver sua aprendizagem através do uso da língua de sinais ou da língua oral. Entretanto, apesar de tantas discursões, aplicação de determinados métodos e novas práticas de ensino e

inclusão para os surdos, ainda observa-se uma política de exclusão no que se refere ao ensino de língua portuguesa como segunda língua.

O ensino de língua portuguesa para alunos surdos é uma preocupação e um desafio constante para os educadores. Considerando que em grande parte das escolas no Brasil não há intérpretes e os professores não estão capacitados para ministrar as aulas em língua de sinais, o que se observa a partir de lamentável fato são alunos que passam a adotar a língua de sinais caseira e o português oralizado como primeira língua e a língua de sinais como segunda língua.

Tais referentes formas de uso da língua foram observadas durante o processo de estágio (o que motivou o desenvolvimento da presente pesquisa), como também nas pesquisas bibliográficas realizadas. A utilização da língua de sinais nas escolas públicas no interior do Brasil é praticamente inexistente, o que obriga o aluno surdo a aprender como primeira língua o português sinalizado; em segundo o português oralizado, ficando deste modo a língua de sinais como última na escala de aprendizagem da língua.

Segundo Goldfeld (2004, p. 42), “O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais que é a língua natural dos surdos e como segunda língua a língua oficial do seu país”. A partir de tal afirmação, observa-se que os surdos pertencem a uma comunidade específica possuidora de uma língua própria e que, portanto, seu uso como primeira língua é primordial. Ainda nessa perspectiva, é possível analisar que o aluno surdo só será capaz de desenvolver uma aprendizagem eficaz a partir do uso da língua de sinais como primeira língua. Em situação contrária, com o uso da língua portuguesa como primeira língua, o processo de aprendizagem será ineficaz. Destacar o uso da língua de sinais como primeira língua não significa dizer que o uso do português necessite ser retirado da vida do surdo. Entretanto, esse tipo de uso da língua não deve ficar em primeiro plano a ponto de substituir o uso da língua de sinais.

Alguns autores consideram que um surdo jamais conseguirá dominar plenamente a língua oral, pois esta não pode ser considerada sua língua materna e não poderá ser utilizada para todas as suas necessidades. No livro “Libras, que Língua é essa?”, Audrei Gesser a esse respeito, é sucinta ao dizer que:

É sem a língua de sinais que o surdo não sobrevive na sociedade majoritária ouvinte, pois é com e através dela que lhe é garantida a construção do conhecimento de mundo e, sobretudo, a constituição e o fortalecimento da identidade cultural surda. (1997, p. 60).

Desse modo, subtende-se que a língua de sinais se configura como a única língua que o surdo consegue dominar plenamente, em que pode suprir todas as suas necessidades cognitivas e de comunicação. Embora também deva aprender a língua portuguesa na modalidade escrita.

O uso da língua portuguesa como segunda língua ainda necessita ser trabalhado e ampliado nas escolas públicas. O que se identifica são alunos limitados a aulas ministradas oralmente, na maioria das vezes por professores que se quer possuem conhecimentos básicos acerca da língua de sinais. Situação que proporciona com que o aluno se sinta excluído, e que impossibilita o desenvolvimento de sua aprendizagem.

2.4 O lúdico como recurso pedagógico de ensino e aprendizagem para alunos surdos

Como mencionado no subtítulo anterior diariamente os professores deparam-se com inúmeros desafios no que se refere a educação de alunos surdos. Esses desafios vão desde a ausência do uso da língua de sinais e perpassam pelas dificuldades na aprendizagem, ocasionando desse modo uma desmotivação e desinteresse no aluno.

Para provocar nesse aluno um interesse mais significativo e proveitoso faz-se necessário a adoção de uma prática pedagógica dinâmica, divertida e prazerosa, que provoque no aluno curiosidade e o instigue a querer aprender. Nesse sentido, as brincadeiras e jogos são reconhecidos por educadores das mais diversas áreas como um fator intrinsecamente importante no processo de ensino- aprendizagem.

Brincar faz parte da vida de todo ser humano, desde que nascemos somos inseridos em diversos contextos que possibilitam a prática das brincadeiras, o intuito do indivíduo ao brincar é divertir-se, entreter, mas involuntariamente, está constantemente aprendendo algo novo nesse processo.

O uso do lúdico nas práticas educativas não é um mecanismo de uso recente. Na história greco-romana Platão defendia um sistema educacional para seu tempo onde educar era importante e tinha como fim a busca da felicidade, a alegria e o compromisso de toda sociedade. Batllori (2001) afirma que: “O jogo favorece o desenvolvimento da lógica, estimula a aceitação de hierarquias, o trabalho em equipe, como também estimula a comunicação e auxilia no desenvolvimento motor e físico”.

Nessa perspectiva, a brincadeira se caracteriza como um instrumento que facilita a compreensão de alunos com dificuldade de aprendizagem e proporciona um estímulo àqueles que encontram-se desmotivados. Mauricio (2008) ressalta que:

O jogo não deve ser visto apenas como uma ocupação ligeira para chamar a atenção do aluno e dessa forma acalmá-lo, mas sim deve ser considerado como uma fonte importante na educação escolar, já que estimula o desenvolvimento intelectual, a observação, a capacidade analítica lógica e criativa.

A esse respeito é importante destacar que o uso do lúdico nas práticas de ensino deve ter como principal objetivo o real aprendizado do aluno e sua inclusão e participação no desenvolvimento das atividades. Segundo Piaget (1978), “Os jogos não são apenas para fins de entretenimento, também contribuem para o desenvolvimento intelectual, físico e mental dos indivíduos, fazendo com que os mesmos assimilem o que percebem da realidade”.

Por meio das brincadeiras pode ser construída a efetivação da aprendizagem, construindo no aluno um desenvolvimento no aspecto pessoal, intelectual e social. A ludicidade quando aplicada de maneira construtiva, vem a agregar resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem. Especificamente no que se refere ao aluno surdo, a mediação do lúdico como ferramenta de ensino proporciona ações de companheirismo entre surdo e ouvinte, a ação da percepção visual e do toque.

A importância do trabalho em grupo ocasionado pela utilização do lúdico se reflete nos resultados de aprendizagem. Segundo Quadros (2008), “O jogo instrumentalizado em língua de sinais é no seu formato representado em língua gestual, significando que é tridimensional e de natureza visual motora”. No ambiente da sala de aula os jogos em libras são mecanismos apropriados ao ensino do aluno surdo.

O lúdico se faz necessário não somente como recurso pedagógico de inclusão, mas também como um mecanismo que possibilita formar cidadãos, pois as consequências desse meio educativo é a aprendizagem nas esferas: educacional, emocional, social e pessoal.

Constata-se, portanto, que o brincar proporciona interação. É uma atividade de participação conjunta que ocasiona aprendizado. A ludicidade perpassa tanto pelas necessidades dos indivíduos em grupo quanto pelas necessidades individuais, permite criar possibilidades de inclusão e conhecimento.

O ambiente escolar deve ser um meio de inclusão e interação entre surdos e ouvintes, os instrumentos nas práticas de ensino devem conceder condições variáveis e dinâmicas no processo de ensino e aprendizagem. A partir desta perspectiva, recursos pedagógicos de ensino devem ser utilizados como meio para o ensino de LP⁴ com alunos surdos, o lúdico nesse sentido se configura como um meio possível de interação e ensino que possibilita a interação entre

⁴ LP: Língua Portuguesa

surdos e ouvintes e o aprendizado para ambos, essa pode ser uma ferramenta de ensino que proporcionará ao surdo um aprendizado mais efetivo.

3 O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA PARA SURDOS E O LÚDICO

A partir das abordagens realizadas no capítulo anterior, é possível construir um pequeno panorama da realidade do aluno surdo no processo de aprendizagem no que se refere ao ensino de língua portuguesa.

Dentre vários fatores envolvidos no processo educacional do aluno surdo é possível que o professor desenvolver novas práticas de ensino, afim de possibilitar que esse aluno desenvolva sua aprendizagem com êxito. Para que essa tarefa seja possível, se faz necessário a adoção dos mais variados métodos, indo desde o uso da tecnologia a prática de brincadeiras e jogos.

O brincar desenvolve a imaginação, estimula a atividade motora, faz criar cumplicidade entre aqueles que jogam e dançam juntos favorecendo a socialização, independente de seus graus de habilidades –capacidades e das necessidades educacionais especiais. (AMEILDA TAVARES, 2009, p.164-165).

A utilização de jogos e brincadeiras como método de ensino pode vir a ocasionar resultados positivos e um considerável desenvolvimento do aluno surdo, desde que aplicado de maneira eficaz.

Segundo Silva (2006), as brincadeiras deflagram que a surdez, a língua de sinais, e a identidade do surdo se constituem num permanente diálogo com a sociedade ouvinte. Ao participar de jogos e brincadeiras o aluno aprende a desenvolver suas capacidades cognitivas a partir do uso dos sinais no processo de execução da atividade, para tanto algumas particularidades devem ser consideradas, por exemplo o uso das mãos.

Na maioria das brincadeiras e jogos os participantes utilizam as mãos para manipulação dos objetos, mas especificamente em relação ao aluno surdo, as mãos são também um canal linguístico, pois a língua de sinais é visoespacial, vista pelos olhos e reproduzida pelas mãos. Nesse sentido as mãos desempenham duas funções: linguística e sensorial.

O desenvolvimento de atividades que envolvam o lúdico pode possibilitar uma inserção mais rápida do aluno surdo ao amplo universo do conhecimento. Entretanto, para que isso seja possível se faz necessário um efetivo planejamento em que sejam alinhados o trabalho pedagógico, a proposta de aprendizagem e a relação professor-aluno

A socialização promovida pelo uso das brincadeiras e jogos ocasiona um impacto positivo no desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo como afirma Piaget (1975, p. 17) “o conhecimento é essencialmente coletivo e a vida social constitui um dos fatores essenciais da formação e do crescimento do conhecimento”.

O aluno surdo, assim como os demais alunos, se relaciona e interagem sem apresentar problemas para a execução de atividades. Os jogos e brincadeiras possuem uma função extremamente relevante nas atividades pedagógicas permitindo a interação em Libras de maneira natural ainda que essas atividades sejam didaticamente planejadas. O brincar impulsiona as potencialidades do aluno surdo na prática pedagógica, tendo como espaço privilegiado a escola. Entretanto, o que por vezes ocorre é a não aplicação de uma política baseada na língua de sinais que se adeque as necessidades desse aluno.

Outro fator importante, e que não pode ser ignorado no processo de ensino do aluno surdo, é a percepção visual. A compreensão acerca do que é abordado é promovida a partir daquilo que vê. O permanente aprimoramento de sua percepção visual se configura, portanto como fator favorável nas práticas de aprendizado e diálogo com esse aluno.

A partir do uso do lúdico como recurso pedagógico de ensino, o professor poderá trabalhar de maneira interdisciplinar e multidisciplinar. A educação e as práticas de ensino evoluíram significativamente e junto com elas tornou-se necessário a adoção de novos mecanismos de ensino.

Segundo Andrade e Sanches (2005) “O lúdico é uma atividade que tem valor educacional intrínseco, mas além desse valor que lhe é inerente, esse método tem sido utilizado como recurso pedagógico”. Há inúmeros motivos para que os educadores utilizem o lúdico como método de ensino, uma delas é a dinâmica e praticidade que o lúdico proporciona ao ser trabalhado. É possível trabalhar desde conteúdos mais simples, como leitura, até conteúdos mais complexos, como questões gramaticais, a partir da utilização de algumas brincadeiras e jogos.

As dificuldades encontradas pelos professores para a inclusão do aluno surdo ocorrem com praticamente todas as disciplinas e não é diferente com língua portuguesa. Diante desses desafios, o professor necessita adotar práticas que permita com que o aluno surdo possa aprender e não se sinta excluído dos demais alunos.

A partir do ensino fundamental II, espera-se que o aluno surdo seja capaz de escrever textos coesos e coerentes por mais simples que estes sejam. Devido as dificuldades encontradas por estes alunos em sala, é comum que eles apresentem dificuldades para escrever esses textos, alguns não conseguem construir as ligações entre as palavras e formar parágrafos.

Para que o aluno possa fazer uma apropriação mais adequada da língua portuguesa escrita, se faz necessário que o educador elabore atividades de leitura, reestruturação de texto e etc. Essas atividades podem ser realizadas através de jogos e brincadeiras.

Para que o conhecimento em língua portuguesa possa ser adquirido com êxito se faz necessário, por parte dos alunos, adquirir conhecimento sobre a língua e sua utilidade no dia-dia. O lúdico nesse sentido pode ser utilizado como meio prático para o ensino de língua portuguesa através de brincadeiras que proporcionem situações de comunicação cotidiana de diversas formas.

Ao propor uma atividade lúdica, o professor deve ter em mente além da inclusão do aluno surdo, qual o objetivo a ser alcançado com atividade, considerando e respeitando sempre as dificuldades e especificidades de cada aluno.

Santos (2001, p. 15) ressalta que “A ideia de que é preciso que os profissionais de educação reconheçam o real significado do lúdico para aplica-lo adequadamente, estabelecendo a relação entre o brincar e o aprender a brincar”. Subtende-se a partir de tal afirmação que não se trata de brincar de aprender, mas aprender brincando e o professor precisa ter esse discernimento.

O lúdico pode ser utilizado como recurso pedagógico não somente para diversificar, mas para avaliar. No instante em que está sendo realizada uma brincadeira, o professor pode observar as dificuldades de cada aluno em relação a atividade, dificuldade no conteúdo, interação, motivação, etc. Essas observações ajudaram o professor a entender melhor seus alunos e conseqüentemente ajudá-los.

É possível através do uso do lúdico proporcionar aos alunos surdos a inclusão necessária para o desenvolvimento da sua aprendizagem, bem como possibilitar ao professor a utilização de um método dinâmico e prazeroso, tornando desse modo as aulas de língua portuguesa educativas e eficaz.

3.1 Materiais disponíveis e livros

Como já citado ao longo do referente trabalho, a proposta da utilização do lúdico como método de ensino-aprendizagem para o aluno surdo pode vir a ocasionar resultados positivos, desde que aplicado de maneira adequada. Para que esse resultado seja possível faz-se necessário a utilização de meios acessíveis que contenham o material necessário para a realização das atividades.

Alguns desses meios como a *internet* e os livros são as principais fontes de acesso dos professores para a elaboração de suas atividades. A partir de tal perspectiva, foi realizada uma pesquisa na *web* (especificamente no site *Youtube*), a fim de identificar e analisar vídeos que tratem do lúdico como recurso de ensino para surdos, bem como a importância desses para o ensino e aprendizagem do aluno surdo. Foi construída também uma descrição objetiva em torno dos vídeos e do livro “Ideias para ensinar português para alunos Surdos”.

- Vídeos

No primeiro vídeo, “Oficina de português- sinônimos aula com alunos surdos”, é apresentada uma aula que acontece na sala de uma igreja, todos os alunos são surdos, cada um possui uma folha com vários sinônimos, a professora é ouvinte e pergunta se eles conhecem as palavras escritas na folha ou não.

Em seguida é iniciada uma brincadeira com os sinônimos, uma espécie de baralho de sinônimos, cada aluno tira uma carta por vez formando pares com as figuras, ganha quem conseguir formar mais pares.

O segundo vídeo intitulado Jogo dos pronomes do caso reto é apresentado um jogo que deverá ser jogado por 4 jogadores, consiste em 6 tampas enumeradas em que cada uma contém 3 pronomes. Haverá separadamente 4 cartelas com frases incompletas (faltando o pronome que a completa). O jogador deverá jogar um dado e a partir daí escolher a tampa com os pronomes que contém o número sorteado, escolher o pronome e colocá-lo na cartela. Caso a tampa sorteada não tenha o pronome para completar a frase, o jogador deverá passar a vez para o próximo jogador. Vence o jogo o jogador que conseguir completar a ficha.

- Material impresso

A segunda descrição foi realizada no livro de Ronice Muller Quadros e Magalli L. P. Schimiedt, as autoras constroem uma abordagem em torno de recursos lúdicos para ensinar português alunos surdos. Para tanto, discutem como deve acontecer a educação bilíngue no

contexto do aluno surdo, relatam que em alguns estados brasileiros muitos educadores desconhecem a língua brasileira de sinais.

Falam da importância da alfabetização da criança surda ser realizada em libras como primeira língua, o livro trata também de como as atividades de leitura de texto em sinais são importantes para o desenvolvimento da aprendizagem, nesse sentido a leitura deve ser contextualizada e provocar no aluno o interesse pelo que estar sendo lido.

As autoras apresentam sugestões de atividades para o ensino de português para surdos (jogos e brincadeiras), apresentam o objetivo, o material, o desenvolvimento da atividade, exemplos e imagens.

O livro trata-se uma grandiosa contribuição para professores de alunos surdos, considerando que muitos ainda possuem muita dificuldade para encontrar uma dinâmica de ensino de língua portuguesa. A partir realização da pesquisa no *youtuber* e no livro foi realizada uma análise afim de identificar se esses matérias poderiam ser utilizados como base para aulas de língua portuguesa com alunos surdos e se o lúdico poderia ser aplicado como um recurso pedagógico nesse contexto.

3.2 Possibilidades do uso do lúdico no ensino de LP para surdos

A descrição do referente material supracitado observou-se ambos materiais podem ser utilizados como um apoio para o desenvolvimento de aulas de Língua Portuguesa com alunos surdos e a partir desses matérias, como o lúdico pode ser trabalhado na sala de aula como um recurso pedagógico.

Vídeo 1: O vídeo do baralho de sinônimos, trabalha especificamente com conteúdo de língua portuguesa com alunos surdos adultos, é um vídeo dinâmico e com muita interação entre os alunos. A brincadeira apresentada é simples e pode ser utilizada em sala de aula por outros professores, inclusive de outras disciplinas fazendo as adaptações necessárias. Entretanto não há alunos ouvintes, somente alunos surdos, não é apresentado no vídeo se a professora utiliza a língua de sinais para se comunicar com os alunos. O vídeo pode ser utilizado como apoio para elaboração de aulas, porém os alunos surdos devem estar sempre socializados com os alunos ouvintes e o professor deve utilizar a língua de sinais.

Vídeo 2: O jogo apresentado no segundo vídeo possibilita ao aluno a interação em grupo, compreender as colocações pronominais nas frases e impulsiona o estímulo a capacidade

de raciocínio e interpretação das frases. Trata-se de um jogo simples, sem muitas regras, o que facilita a execução das jogadas por parte dos jogadores. Ao professor serve como uma ferramenta de ensino que possibilita uma prática dinâmica, divertida e carregada de aprendizado. O professor também poderá construir uma adaptação para realizar o jogo entre mais jogadores e com outros conteúdos como verbos, substantivos entre outros.

O livro de Ronice e Magali apresenta diversos jogos e brincadeiras que podem ser trabalhados desde a alfabetização até séries mais avançadas. Todos os materiais do livro são voltados para o ensino de língua portuguesa o que é muito importante, pois a quantidade de material bibliográfico que tratam acerca de recursos lúdicos especificamente para se trabalhar com alunos surdos em língua portuguesa ainda é muito pouco.

Alguns jogos apresentados no livro podem ser adaptados e ampliados, isso irá depender da turma e de como o professor pretende trabalhar determinado conteúdo. O desenvolvimento de atividades lúdicas pode ser algo muito dinâmico para o professor desenvolver. Ele pode criar suas próprias brincadeiras e jogos ou adaptar as já existentes. No entanto, o mais importante no desenvolvimento dessas atividades é que elas apresentem uma proposta pedagógica de aprendizagem e inclusão.

É importante destacar que embora existam diversos recursos lúdicos para se trabalhar em sala, se faz necessário que cada recurso escolhido se adeque às necessidades da turma respeitando os limites de cada aluno, somente assim os resultados positivos almejados serão alcançados. A seguir são descritas algumas sugestões de atividades desenvolvidas com base nos materiais utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

Sugestões de atividades

- Dominó dos sinônimos

A sala deve ser dividida em grupos de acordo com a quantidade de alunos, cada aluno em seu respectivo grupo deve jogar um de cada, igual um jogo de dominó comum, porém o dominó de sinônimos terá uma palavra escrita e seu respectivo sinal em libras.

O aluno que tiver o sinônimo correspondente a peça jogada anteriormente, prossegue com a jogada e assim sucessivamente até que algum jogador do grupo não tenha mais nenhuma peça, vencendo o jogo.

Os jogadores vencedores de cada grupo devem disputar a final entre si, realizando o mesmo processo do jogo da rodada anterior, vence o jogador que ficar sem nenhuma peça.



Fonte: <https://sylviazanetti.wordpress.com/> **Fonte:** <https://www.google.com/>

- Teatro da literatura

O professor deverá pedir aos alunos indicações de livros da nossa literatura Brasileira, através de sorteio um ou dois livros (a depender da quantidade da sala) será escolhido para a montagem de uma peça teatral surda. Apenas com gestos e movimentos corporais os alunos devem interpretar a história contida no livro. Porém anteriormente o professor deverá apresentar um pequeno resumo da obra em língua oral e de sinais para os demais alunos que não estão na peça.



Fonte: <https://www.google.com/>

- Corrida dos verbos

A sala deverá ser separada em grupos e cada grupo deverá escolher uma pessoa para participar da corrida. A professora deverá pedir a conjugação de um determinado verbo, os alunos deverão partir do ponto onde estão até um determinado ponto de chegada e levantar a plaquinha com a conjugação correta do verbo. A pessoa que chegar por último perde a rodada e entra outro do mesmo grupo. Vence o grupo que conseguir conjugar corretamente o maior número de verbos.

As plaquinhas devem ter a conjugação escrita e seu sinal em libras.

- Bingo dos adjetivos

O professor deverá distribuir as cartelas para os alunos com vários adjetivos que estarão escritos e em sinais de Libras. O professor sinalizará o nome do adjetivo e a letra a ser marcada na cartela. Vence o jogador que completar a cartela.



Fonte: <https://www.google.com/>

- Trilha dos substantivos

O professor deverá desenhar ou colar uma trilha no chão da sala e realizará um sorteio para selecionar os jogadores da rodada. O professor jogará o dado e o jogador deverá avançar a quantidade de casas sorteadas e responder a uma pergunta que será feita em sinais e oralmente na casa onde parou. Se acertar joga mais uma vez, se errar sai do jogo e entra outro jogador. Vence quem chegar ao topo da trilha. As perguntas devem ser feitas em libras e oralmente.

4 CONCLUSÃO

A educação tem como um dos objetivos primordiais possibilitar o acesso ao conhecimento, afim de que todos os indivíduos possam ter êxito social, pessoal e profissional. Entretanto, para que esse objetivo seja alcançado se faz necessário que o acesso ao conhecimento seja levado a todos de maneira total e igualitária.

A partir de tal perspectiva, denota-se que independente das particularidades de cada indivíduo, este deve ter acesso a uma educação que atenda às suas necessidades específicas, afim de alcançar a aquisição de um conhecimento proveitoso.

No que se refere ao aluno surdo, esse conhecimento só será adquirido com a utilização da língua de sinais em todos os processos comunicativos, principalmente nos que se referem as práticas escolares. Os professores e toda comunidade escolar necessitam conhecer a língua do aluno surdo, bem como entender que a inovação em recursos pedagógicos como a utilização do lúdico, pode proporcionar resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem.

Através do lúdico, este aluno poderá ser incluído em todas as atividades, não se sentindo deste modo diferente dos demais. Este recurso também possibilita desenvolver a intelectualidade, percepção do mundo, autoconfiança, estimular o raciocínio, trabalhar em grupo, organização e cooperação.

Ao longo da presente pesquisa buscou-se responder a alguns questionamentos levantados anteriormente, embora existam algumas exceções (escolas com interpretes, professores qualificados em libras, etc), concluiu-se a partir das observações realizadas durante o período de estágio, das leituras dos materiais para elaboração dessa pesquisa, que a maioria dos métodos utilizados para o ensino ao surdo, ainda encontram-se pautados em sua grande maioria em práticas orais, e que desse modo não colocam a língua de sinais como primeira língua no processo comunicativo.

Essas metodologias ao priorizarem a oralidade e o português como primeira língua, provocam no surdo um impacto negativo no processo de aprendizagem, não são eficazes e não se adequam as suas necessidades, o que levam muitos surdos a terem dificuldades de ler , escrever, se sentem desmotivados para estudar, e em alguns casos (na maioria deles) se sentem excluídos. De acordo com o método de ensino adequado os resultados da aprendizagem podem ser positivos e permanentes.

Entretanto, se faz necessário que esses métodos sejam pautados na necessidade específica do aluno surdo, que nesse caso é a língua de sinais.

Como supracitado anteriormente, o uso do lúdico nas práticas de ensino deve ter como foco principal o aprendizado, não deve jamais ser aplicado de maneira superficial sem objetivo pedagógico. Enquanto recurso didático, o lúdico permite ao professor ter em mãos um mecanismo extremamente proveitoso no processo de ensino.

A LDB 9394/96, fundamenta a ludicidade e estabelece que um dos princípios e fins da educação é a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar, e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”. Diante de tal afirmação, observa-se que a prática dos jogos e brincadeiras permite tal liberdade, o que ocasiona aprendizado.

Todos os materiais bibliográficos disponíveis, bem como os materiais digitais utilizados para elaboração dessa pesquisa foram essenciais para a obtenção das respostas dos questionamentos levantados e dos resultados aqui apresentados. Esses materiais serviram como base para entender a importância do lúdico nas práticas de ensino e aprendizagem e como este recurso pode ser trabalhado de forma proveitosa com alunos surdos.

Espera-se com essa pesquisa que os professores de língua portuguesa possam vir a ter mais uma ferramenta de ensino para se trabalhar em sala de aula. Que de maneira direta ou indireta a educação dos surdos possa ser melhorada e aprimorada tendo o lúdico como um recurso possível de ser trabalhado.

É importante destacar que a proposta da presente pesquisa é apontar o lúdico como um recurso possível de ser aplicado de maneira dinâmica, educativa e prazerosa. Perante o exposto, conclui-se que utilizar o lúdico como um recurso pedagógico com alunos surdos pode ocasionar resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem, ocasionar a inclusão e a melhoria nas práticas educacionais existentes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ana Paula. **História da língua portuguesa no Brasil**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/portugues/historia-da-lingua-portuguesa-no-brasil/>. Acesso em: 04 fev. 2017.
- BOGAS, João Vitor. **A história da Libras, a Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: <http://blog.handtalk.me/historia-lingua-de-sinais/>. Acesso em: 17 mar. 2018.
- CAVALCANTI, Camillo. **Origem e formação da Língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/15.htm>. Acesso em: 04 fev. 2017.
- EVANGELIZANDO com as mãos. **Oficina de Português - Sinônimos - Alunos adultos surdos**. 2016. (11m14s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=90mrUkund7Y>. Acesso em: 18 mai. 2018.
- GESSER, Audrei. **Metodologia do Ensino em Libras como L2**. Florianópolis: UFSC, 2010.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- KARNOPP, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Muller. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEITE, Tarcísio de Arantes. **Língua, Identidade e Educação de Surdos**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1912>. Acesso em: 02 jun. 2017.
- PIAGETT, J. A. **A formação do símbolo na criança**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PORTAL educação. **Língua de Sinais: origem e história**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/lingua-de-sinais-origem-e-historia/61951>. Acesso em: 17 mar. 2018.
- QUADROS, Ronice Muller (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.
- QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: aquisição de linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, Ronice Muller; SCMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- SANTOS, Vanessa Cristina F. **O papel do brincar na inclusão de alunos surdos na educação infantil**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 32, 2012.
- SALLES, Heloisa Maria M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Rosemary Sampaio. **A origem do lúdico na educação**. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-origem-do-ludico-na-educacao/46002>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SILVA, Valquíria da Conceição. A importância do lúdico para o ensino-aprendizagem de alunos surdos. **Revista Somma** | Teresina, v.2, n.2, p.47-57, jul./dez. 2016.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

VERAS, Evandro. **Jogo dos Pronomes - Caso Reto**. 2017. (5m43s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zkVmky9GBmU>. Acesso em: 18 mai. 2018.